



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DO CONSUMO
BACHARELADO EM CIÊNCIAS DO CONSUMO

Ariana Suerda da Silva

MODA, CONSUMO E IDENTIDADE:
A Afirmação Cultural das Mulheres Negras e a Moda de Terreiro no Brasil

Recife
2025

Ariana Suerda da Silva

**MODA, CONSUMO E IDENTIDADE: A Afirmção Cultural das Mulheres Negras e a
Moda de Terreiro no Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Bacharelado em Ciências do
Consumo da Universidade Federal de Rural
de Pernambuco.

Orientador (a): Professora Dra. Maria Alice
Vasconcelos Rocha

Recife

2025

Ariana Suerda da Silva

**MODA, CONSUMO E IDENTIDADE: A Afirmação Cultural das Mulheres Negras e a
Moda de Terreiro no Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Bacharelado em Ciências do
Consumo da Universidade Federal de Rural
de Pernambuco.

Orientador (a): Professora Dra. Maria Alice
Vasconcelos Rocha

Data de Aprovação 18/03/202

Banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Alice Vasconcelos Rocha
Orientadora e Presidente - DCC-UFRPE

Profa. Dra. Gabriela Araújo Ferraz Oliveira
Examinador - DCC- UFRPE) e a

Doutoranda Vanessa Suellen Arcoverde Moreira
Examinadora - Doutoranda /UFPE)

Recife
2025

Ariana Suerda da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Sistema
Integrado de Bibliotecas da UFRPE Bibliotecári(a):
oAuxiliadora Cunha – CRB-4 1134

S586m Silva, Ariana Suerda da.
Moda, consumo e identidade: a afirmação
cultural das mulheres negras e a moda de terreiro
no Brasil / Ariana Suerda da Silva. – Recife, 2025.
43 f.; il.

Orientador(a): Maria Alice Vasconcelos Rocha.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Ciências do Consumo, Recife, BR-
PE, 2025.

1. Cultura afro-brasileira - Moda . 2. Identi

Inclui referências.

dade cultural. 3. Consumo (Economia). 4.
Negras 5. Moda - Aspectos religiosos. I. Rocha,
Maria Alice Vasconcelos, orient. II. Título

RESUMO

Este trabalho investiga as interseções entre moda, consumo e identidade cultural no contexto das práticas religiosas afro-brasileiras, com ênfase no papel das mulheres negras como agentes de transformação e afirmação identitária. No primeiro capítulo, discute-se a evolução da moda a partir do século XVII, analisando suas transformações e impactos na sociedade. O segundo capítulo aborda a moda e a estética para mulheres negras, destacando as dinâmicas de exclusão e os processos de ressignificação dos padrões estéticos historicamente impostos. Já no terceiro capítulo, a pesquisa explora a moda afro-brasileira, com destaque para a moda de terreiro, ressaltando sua dimensão sagrada e sua relevância na preservação das memórias das comunidades afro-religiosas. Os resultados evidenciam que a moda transcende a estética, configurando-se como uma ferramenta de resistência cultural, luta política e reconstrução identitária para as mulheres negras no Brasil.

Palavras-chave: Moda afro-brasileira. Consumo. Identidade cultural. Mulheres negras.

Moda de terreiro.

ABSTRACT

This study investigates the intersections between fashion, consumption, and cultural identity within the context of Afro-Brazilian religious practices, emphasizing the role of Black women as agents of transformation and identity affirmation. The first chapter discusses the evolution of fashion from the 17th century onward, analyzing its transformations and societal impacts. The second chapter explores fashion and aesthetics for Black women, highlighting the dynamics of exclusion and the processes of re-signifying historically imposed aesthetic standards. The third chapter examines Afro-Brazilian fashion, with a particular focus on *moda de terreiro*, emphasizing its sacred dimension and its importance in preserving the memories of Afro-religious communities. The findings reveal that fashion goes beyond aesthetics, serving as a tool for cultural resistance, political struggle, and identity reconstruction for Black women in Brazil.

Keywords: Afro-Brazilian fashion. Consumption. Cultural identity. Black women. *Moda de terreiro*.

Sumário

Introdução	08
Justificativa	09
Capítulo 1: A história da moda que foi nos ensinada	11
1.1 O fenômeno que chamamos de moda	14
1.2 Moda x Consumo	17
1.3 Moda como expressão cultural	19
Capítulo 2: O papel das mulheres negras na moda	21
2.1 A estética para as mulheres negras	22
2.2 Moda e identidade negra	24
Capítulo 3: A moda afro-brasileira	26
3.1 Moda de Terreiro: A roupa em forma de sagrado	27
3.2 A Indumentárias Ritualísticas: As Guardiãs de memórias	30
3.3 Entrevista	31
Conclusão	35
Referências Bibliográficas	37

Introdução

A moda surgiu como um fenômeno da sociedade moderna e se tornou um produto de mercado. Atualmente, está sendo introduzida na academia como um novo campo de conhecimento interdisciplinar, abrangendo as ciências sociais, técnicas e artísticas. Ao longo de sua história, a moda adquiriu vários significados, configurando-se em formas específicas e históricas (Farias, 2006). A moda, enquanto fenômeno social e cultural, transcende sua função utilitária para se tornar um espaço de significação, identidade e resistência. No contexto brasileiro, a moda afro-brasileira emerge como um campo potente de afirmação cultural e combate às estruturas racistas e excludentes historicamente presentes na sociedade. Assim, o objetivo geral deste trabalho é investigar as interseções entre moda, consumo e identidade cultural no contexto das práticas religiosas afro-brasileiras, explorando especialmente o papel das mulheres negras como agentes de transformação e afirmação de identidade dentro deste universo.

Adicionalmente, os objetivos específicos que norteiam esta pesquisa são:

- Identificar as influências históricas e culturais que moldaram a moda nas práticas religiosas afro-brasileiras de Candomblé;
- Analisar o papel da moda de terreiro como forma de resistência cultural e afirmação de identidade entre as comunidades afro-brasileiras;
- Explorar as dinâmicas de consumo associadas à moda de terreiro, destacando seus impactos sociais e econômicos dentro das comunidades praticantes.

A relevância deste estudo reside na necessidade de ampliar o debate acadêmico sobre a moda afro-brasileira, reconhecendo-a como expressão legítima de identidade e resistência. Além disso, o trabalho busca evidenciar como a moda de terreiro se insere nas dinâmicas de consumo contemporâneas, desafiando estereótipos e promovendo a valorização das culturas afro-brasileiras.

As práticas religiosas de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, apresentam um rico universo estético que vai além da espiritualidade, manifestando-se por meio de roupas, adornos e símbolos carregados de significados. A moda de terreiro, enquanto expressão do sagrado, é também um veículo de preservação de memórias, tradições e histórias das comunidades afro-brasileiras. Neste cenário, as mulheres negras desempenham um papel central na criação, manutenção e ressignificação dessas estéticas, utilizando a moda como ferramenta de empoderamento e afirmação identitária.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise de entrevistas. O referencial teórico se fundamenta em autoras e autores que discutem moda, consumo e identidade cultural, com ênfase na moda afro-brasileira e nas práticas religiosas afrodescendentes. Além disso, foram analisadas narrativas e registros visuais relacionados à moda de terreiro como expressão cultural e política. Com isso, espera-se contribuir para o fortalecimento de debates que reconhecem a moda como um espaço político e cultural, valorizando as trajetórias das mulheres negras que, por meio da moda de terreiro, reafirmam suas identidades e constroem caminhos de resistência e liberdade.

Justificativa

A escolha de abordar a moda de terreiro como um eixo central neste estudo se fundamenta na relevância histórica, cultural e social que as vestimentas e adornos desempenham nas religiões de matriz africana no Brasil. A moda, anteriormente vista apenas como uma expressão superficial, tem se mostrado um potente instrumento de organização política e afirmação das identidades, especialmente para grupos subalternizados. No contexto das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, a indumentária transcende o papel de simples cobertura do corpo, sendo integral para os rituais, a coletividade e a identidade desses grupos.

A escolha de investigar a moda de terreiro se justifica pela necessidade de reconhecimento e valorização dos saberes transmitidos de geração em geração, principalmente pelas mulheres negras que ocupam um lugar central na preservação da memória e identidade afro-brasileiras. Estes saberes, perpetuados através da oralidade e das práticas cotidianas nos terreiros, são fundamentais para a resistência cultural frente às adversidades históricas e contemporâneas, como o racismo e o colonialismo.

Além disso, a moda de terreiro serve como um importante campo de estudo para compreender a interseção entre cultura, religião, identidade e consumo. As vestimentas rituais e cotidianas dos terreiros são ricas em simbolismo, expressando a espiritualidade e a conexão com o sagrado, além de marcarem a hierarquia e as funções sociais dentro das comunidades religiosas. Através da análise destas vestimentas, é possível vislumbrar a profundidade das tradições culturais afro-brasileiras e sua capacidade de se adaptar e resistir às imposições externas.

O estudo do consumo, especialmente no contexto da moda de terreiro, é crucial para entender como as práticas de produção e uso das vestimentas se contrapõem à lógica consumista predominante na sociedade contemporânea. A moda de terreiro, com sua ênfase nas práticas artesanais e sustentáveis, oferece uma alternativa ao consumo desenfreado, promovendo valores de respeito, continuidade e inovação cultural. Esta abordagem crítica do consumo revela a moda de terreiro não apenas como uma prática cultural, mas também como um ato de resistência e afirmação contra as dinâmicas opressivas do mercado.

Este estudo também se propõe a explorar como a moda de terreiro desafia e rompe com os padrões colonialistas de imposição de vestimentas, promovendo novas formas de ser e estar no mundo. A valorização das práticas artesanais e sustentáveis de produção de moda nos terreiros contrasta com a lógica consumista contemporânea, ressaltando a importância de um consumo consciente e respeitoso às práticas culturais afro-brasileiras.

Em suma, a moda de terreiro, enquanto objeto de estudo, revela-se como uma ferramenta poderosa de resistência, preservação e afirmação cultural. Este trabalho busca, portanto, destacar o papel fundamental das mulheres negras na manutenção e inovação dessas tradições, contribuindo para uma visão mais inclusiva e plural da história e cultura brasileiras. Através desta pesquisa, espera-se fomentar o reconhecimento e a valorização da riqueza cultural das comunidades afro-brasileiras, promovendo uma sociedade mais justa e equitativa.

Capítulo 1: A História da moda que foi nos ensinada

“A moda é um reflexo das forças sociais, políticas, econômicas e artísticas de um determinado período. Os estilos que se desdobram dessas forças nos contam sobre evento histórico de maneira tão contundente quanto os livros, jornais ou outros periódicos. Ao longo do tempo, espelhos de camarins refletiram as tendências de como as pessoas pensam, vivem e amam.”

Gini Stephens Frings.

A moda, como a entendemos hoje, é um fenômeno relativamente recente. Nas eras antiga e medieval, os estilos de vestuário permaneciam praticamente inalterados ao longo de décadas. No entanto, durante o Renascimento, as transformações na moda começaram a acelerar, impulsionadas pela descoberta de novas culturas, costumes e trajes pela civilização ocidental. À medida que novos tecidos e ideias eram introduzidos, a demanda por novidades crescia incessantemente, dando início a um ritmo acelerado de mudanças na moda (Frings, 2012, p. 4).

Assim, conforme ressaltado por Arrosi (2022, p. 07), a moda está intrinsecamente ligada à inovação, caracterizando-se pelo impulso de substituir o antigo pelo novo, desafiando padrões e paradigmas estabelecidos. Ela representa uma evolução nos conceitos e uma expressão tanto do espírito individual quanto coletivo da sociedade. Essa dinâmica de constante transformação evidencia a estreita conexão entre o contexto cultural, as inovações técnicas e a evolução das preferências individuais e coletivas. Tais mudanças não apenas refletem o desejo humano por novidade e autenticidade, mas também desempenham um papel vital na expressão da identidade e na interpretação dos valores socioculturais ao longo do tempo.

Conforme Frings (2012) observa, antes da Revolução Industrial, a sociedade era predominantemente dividida entre duas classes principais: os grandes proprietários de terra, que detinham a riqueza, e os trabalhadores agrícolas e pobres. Devido à concentração de riqueza nas mãos desses latifundiários, eles eram os únicos capazes de desfrutar do luxo de usar roupas da moda.

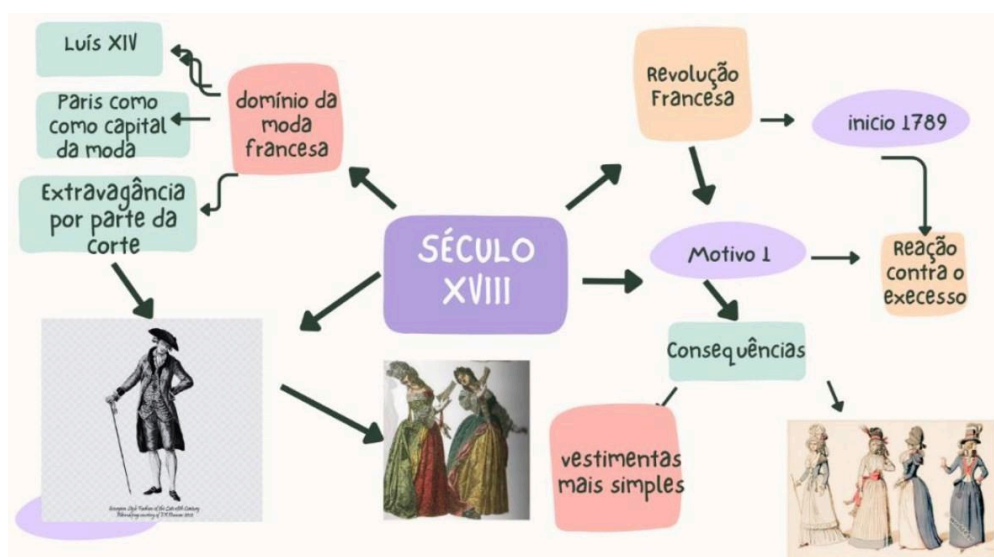
O século XVIII marcou o início do domínio francês na produção de moda, contrastando com a rigidez puritana inglesa e a lógica protestante. Nesse período surgiram as primeiras publicações especializadas sobre o tema. Luís XIV utilizou a moda como uma ferramenta política, pois a

superioridade era frequentemente associada ao estilo de vestir, e o prestígio nacional baseava-se em sua aparência e comportamento. No início do século XVIII, os integrantes da corte do rei Luís XIV assumiram o papel de juizes do bom gosto, estabelecendo Paris como a principal capital da moda (Frings, 2012, p. 4). A partir da segunda metade do século XVIII, conforme destacado por Andrzejewski (2012), as mudanças históricas passaram a ocorrer com maior frequência e intensidade. Desse modo, a moda emergiu como um elemento constitutivo do capitalismo e como um meio de distinção social. A cultura iluminista contribuiu para a formação de um novo tipo de indivíduo.

Luís XIV foi pioneiro ao perceber que a aparência poderia ser usada para remodelar a sociedade, neutralizando as forças de resistência e definindo quem teria as condições ou possibilidades de se aproximar e exercer o poder e o controle social (Andrzejewski, 2012).

No entanto, de acordo com Frings (2012), um dos contrastes significativos durante o século XVIII entre a situação dos pobres, que em sua grande maioria usavam roupas costuradas por eles mesmos ou aquelas que eram passadas por outros. Esse contraste, entre a simplicidade dos pobres e o luxo da aristocracia, foi apontado como uma das causas da Revolução Francesa em 1789. Como resposta a uma reação generalizada contra o excesso, houve uma mudança na moda, passando-se de um figurino extravagante e exagerado para um vestuário mais simples.

Mapa mental 1: Evolução da moda



Fonte: Design autoral, figuras: google imagens

Segundo Dobom (2018), a Era Aristocrática teve lugar durante a transição da Idade Média para a Moderna, abrangendo os séculos XIV e XV até meados do século XIX. Durante esse período, a moda estava confinada aos círculos da realeza, da nobreza e da burguesia. O crescimento da classe média trouxe consigo mudanças significativas não apenas nas esferas econômica e social, mas também na moda, durante o avanço industrial no final do século XVIII. Com a expansão do comércio e da indústria, a emergente classe média passou a ter poder e recursos financeiros para investir em luxos, incluindo roupas de qualidade. Essa nova classe não só ganhava influência nos negócios e na sociedade, mas também moldava as tendências da moda. Conseqüentemente, a moda se tornou um símbolo de status e uma maneira de exibir riqueza (Frings, 2012, p. 7).

Após a Revolução Francesa, as diferenças sociais deixaram de ser expressas de maneira explícita por meio de leis e começaram a se manifestar de forma mais sutil, como indicado pela qualidade dos tecidos e da confecção. Com o tempo, a moda perdeu seu caráter elitista, tornando-se pseudodemocrática. Isso significa que, embora a alta costura continuasse acessível apenas para aqueles com maior poder aquisitivo, de alguma forma, a moda foi popularizada, alcançando uma parcela mais ampla da população (Nery, 2009).

Até este ponto, percebe-se que a evolução da moda representou um marco significativo em nossa história. Essa evolução e revolução na moda abriram caminho para a modernidade, abandonando padrões e estilos antigos. Através dessa transformação, testemunhamos não apenas mudanças na forma como nos vestimos, mas também uma redefinição de valores, identidades e expressões culturais. A moda se tornou um reflexo dinâmico das mudanças sociais, econômicas e culturais em nossa sociedade, desempenhando um papel crucial na forma como nós percebemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Conforme destacado por Mantovani (2019), a vestimenta adquiriu uma nova dimensão ao longo do tempo, deixando de ser apenas uma necessidade básica de cobrir o corpo ou um símbolo de classe social. Agora, ela se tornou um elemento criativo, estético e profundamente ligado à individualidade de cada sujeito. A escolha da roupa reflete não apenas o contexto temporal e geográfico em que vivemos, mas também nossas preferências pessoais e identidade única. Vestir-se tornou-se uma forma de expressão pessoal, onde há uma busca por identificação e prazer na escolha das peças, pois estas carregam significados culturais com os quais nos identificamos.

1.1 O fenômeno que chamamos de moda:

O termo "moda" refere-se especificamente ao fenômeno social da mudança cíclica dos costumes, hábitos, escolhas e gostos, que é coletivamente validado e quase obrigatório. (Calanca, 2008, P.111).

Explorar este conceito, não se limita à discussão sobre vestuário. Podemos discutir moda sem necessariamente mencionar uma peça específica de roupa, sem entrar em detalhes sobre sua descrição ou o tecido utilizado. A moda transcende esses aspectos e engloba um sentido mais amplo, que inclui a adoção de uma postura, a compreensão de uma realidade, a manifestação de um comportamento e a construção de uma identidade (Andrzejewski, 2012, p. 1). Podemos observar então que a moda, vai muito mais além da mera aparência física e adentra as esferas comportamentais e identitárias. No entanto, é fundamental considerar que a moda é um fenômeno multifacetado, influenciado por uma miríade de fatores sociais, culturais e econômicos.

Conforme Lipovetsky ([1987], 2009) observa, a difusão social da moda não alcançou imediatamente as classes subalternas. Por séculos, o vestuário seguiu amplamente a hierarquia das condições sociais: cada classe usava trajes próprios, e a força das tradições evitava a mistura das classes e a usurpação dos privilégios de vestuário. Decretos e leis proibiam as classes plebeias de se vestirem como os nobres, de ostentar os mesmos tecidos, acessórios e joias. Andrzejewski (2012) afirma que a moda influenciou a transformação tanto de indivíduos quanto de grupos, afetando subjetividades, relações sociais e comportamentos enquanto as reformas promoviam a continuidade de interesses, estratégias e alianças, além de fortalecer o Estado e as instituições no controle, disciplina e hierarquização da sociedade.

Ao refletir sobre o conceito de moda apresentado, percebe-se que vai muito além do simples vestuário, abrangendo aspectos comportamentais, identitários e sociais. É interessante observar como a moda se torna uma manifestação cultural complexa, influenciada por uma variedade de fatores, incluindo aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos. Conforme observado por Farias (2016), ao longo da modernidade, a moda tem evoluído em significado em paralelo com

as transformações da sociedade. Desde o século XIX até o século XXI, a moda percorreu um caminho em direção à sua consolidação como um fenômeno social e um objeto de estudo nas ciências humanas. A compreensão da moda como um fenômeno multifacetado é fundamental para uma análise abrangente. Ela não se restringe apenas à escolha de roupas, mas também envolve a adoção de uma postura, a expressão de uma identidade e a interpretação de valores culturais. A moda é um reflexo dinâmico das mudanças na sociedade, afetando não apenas indivíduos, mas também grupos e comunidades.

Além disso, ao considerar o papel da moda ao longo da história, é importante reconhecer as disparidades sociais e as hierarquias que têm influenciado sua difusão. A divisão entre classes sociais e as regulamentações impostas pelas autoridades refletem como a moda tem sido utilizada como um meio de controle e distinção dentro da sociedade.

No entanto, é igualmente relevante destacar o poder transformador da moda, que pode desafiar essas normas sociais estabelecidas e promover mudanças tanto em nível individual quanto coletivo. A influência da moda nas relações sociais e no comportamento humano ressalta sua importância como uma forma de expressão cultural e uma força motriz por trás da evolução da sociedade.

Simmel ([1905], 2008) observa a moda como uma função fundamental para unir e diferenciar os indivíduos, destacando sua tendência natural e psicológica. Ele também a define como um produto da divisão de classes e discute sua função de unir e separar os sujeitos como parte de sua "natureza básica", na qual os traços individuais são observados. Descrevendo a moda como uma força que tanto une quanto diferencia os indivíduos, o autor destaca sua função dual na sociedade. Por um lado, a moda pode servir como um meio de expressão individual e de identificação com determinados grupos ou subculturas.

Por outro lado, ela pode ser utilizada como um marcador de status e distinção social, contribuindo para a divisão de classes. A reflexão sobre esses aspectos da moda nos permite compreender sua importância não apenas como uma manifestação estética, mas também como um reflexo das dinâmicas sociais e das relações de poder em uma determinada sociedade. Conforme Lipovetsky (1989, p.25) argumenta, a moda é um fenômeno que contribui para a formação de relações entre os indivíduos em um contexto social, destacando seus aspectos sociais e estéticos sob um monopólio de poder.

Assim segundo Farias (2011), a moda se apresenta como veículo tanto de uma dimensão social quanto de uma dimensão individual. Essa capacidade de integrar ambos os aspectos pode ser notada em diversas abordagens das ciências humanas, nas quais a moda abarca fenômenos socioculturais de natureza mais ou menos coercitiva e geral, assim como mais ou menos independente e particular. Porém, mesmo com sua influência e alcance abrangente na sociedade contemporânea, a moda não está imune a críticas. Muitos argumentam que ela promove padrões inatingíveis de beleza e contribui para a perpetuação de estereótipos prejudiciais. Além disso, a rápida obsolescência das tendências de moda pode levar a um consumo excessivo e à produção de resíduos têxteis, contribuindo para questões ambientais. Portanto, enquanto a moda continua a ser um fenômeno fascinante e influente, é importante analisar seus impactos tanto positivos quanto negativos na sociedade contemporânea. (Farias,2006)

1.2 Moda x Consumo

A moda transcende as barreiras do simples vestuário, funcionando como uma poderosa ferramenta de comunicação cultural. Ao longo da história, o vestuário tem sido utilizado para expressar identidades, valores e resistências sociais. A moda atua como uma linguagem visual complexa, refletindo as dinâmicas sociais e culturais e integrando-se a um sistema mais amplo de significação cultural.

Após o estabelecimento da sociedade industrial e o avanço do capitalismo como modelo predominante de produção, e quando as análises sobre suas consequências já estavam amplamente desenvolvidas, o mundo se depara com uma nova realidade: a Sociedade de Consumo. A partir desse ponto, as relações sociais e até mesmo o exercício da cidadania passam a ser fundamentados no ato de consumir (Velho, 2017).

Canclini (1997, p, 53) define o consumo como um conjunto de processos socioculturais nos quais ocorre a apropriação e o uso de produtos. Segundo o autor, essa caracterização auxilia na compreensão dos atos pelos quais o consumismo transcende o simples exercício de gostos, caprichos e impulsos não refletidos, conforme julgamentos moralistas ou atitudes individuais.

Entretanto, é crucial lembrar que a produção cultural também é influenciada pelo mercado e pelas demandas destacadas pelos próprios consumidores (Dulci, 2015, p.86). Assim, o consumo cultural nas sociedades de massa deve ser abordado como um processo dialético, no qual o sistema de produção cultural influencia e modela os desejos de consumo, contribuindo, em certa medida, para a formação do consumidor de massa.

Essa relação dialética implica que tanto a produção cultural quanto os desejos de consumo são influenciados e moldados mutuamente. Por um lado, o sistema de produção cultural, por meio de diversos mecanismos, como a indústria cultural e os meios de comunicação de massa, exerce uma influência significativa na formação dos desejos e preferências dos consumidores. Por outro lado, os próprios consumidores também desempenham um papel ativo nesse processo, pois suas demandas e interesses acabam por influenciar a produção cultural. Assim, a dinâmica do consumo cultural reflete uma interação constante entre produtores e consumidores, onde ambos contribuem para a configuração do cenário cultural em uma sociedade de massa.

Segundo Lipovetsky (2009), há uma reflexão sobre como a economia do consumo foi reorganizada a partir da ordem burocrático-estética, que sistematiza a sociedade de consumo em função da sedução e da abstinência. Bauman (2008, p. 41) define o consumismo como um atributo da sociedade, resultante da transformação das vontades, desejos e anseios humanos em uma força "propulsora e operativa da sociedade".

Essa reflexão de Bauman (2008) sobre o consumismo como uma força propulsora da sociedade ressoa profundamente em nosso entendimento do tema. Ao considerar o consumismo como um atributo social resultante da transformação dos desejos humanos, somos levados a refletir sobre como essa dinâmica influencia nossas vidas diárias e a estruturação da própria sociedade. É intrigante perceber como as necessidades individuais são moldadas e direcionadas pelo contexto social e econômico em que estamos inseridos, levando-nos a questionar até que ponto somos verdadeiramente os agentes de nossas escolhas ou simplesmente produtos das forças sociais que nos cercam? Essa reflexão enriquece nossa compreensão sobre a complexidade do fenômeno do consumismo e sua interação com os aspectos mais amplos da vida em sociedade.

O casamento entre o fenômeno do consumo e da moda tem desencadeado uma série de desdobramentos nas esferas da vida coletiva e privada da contemporaneidade (Nunes, 2017, p. 16). De acordo com McCracken (2003), a moda desempenha um papel crucial no processo de

consumo, atuando como uma função de significação para os bens, semelhante ao papel do enaltecimento. Essa perspectiva nos leva a compreender que a moda não é apenas uma questão estética, mas também uma poderosa ferramenta de comunicação e expressão cultural. Conforme mencionado por Nunes (2017), a moda tem sido historicamente considerada um "mal social", e por um período significativo, os debates em torno desse fenômeno foram reduzidos a um discurso moralizador.

Na observação de Nunes (2017) sobre a moda como um "mal social" nos convida a refletir sobre as percepções históricas e as diferentes dimensões atribuídas a esse fenômeno ao longo do tempo. Esse ponto ressalta a complexidade da moda como um campo de estudo e como um reflexo das dinâmicas sociais e culturais em uma determinada sociedade.

Simmel (1905, 2008) observa a moda como uma função básica para unir e diferenciar os indivíduos, destacando sua tendência natural e psicológica à imitação. Ele também define a moda como um produto da divisão de classes e discute sua função em unir e separar os sujeitos, considerando-a parte de sua "natureza básica", na qual os traços individuais são observados. A moda, compreendida como a lógica organizativa da sociedade contemporânea, influencia diversas dimensões da vida social, desde a política até as artes, passando pela economia e pelos valores culturais. No contexto do vestuário, a moda não se limita apenas às últimas novidades em formas e cores de roupas, mas engloba o conjunto de peças que, quando combinadas, criam um estilo que expressa uma determinada atitude (Farias, 2006).

1.3 Moda como expressão cultural

Geertz (1926, [2015]), em "A Interpretação das Culturas", propõe que a cultura não deve ser entendida como uma ciência que busca leis universais, mas sim como uma ciência interpretativa que busca compreender significados. Influenciado pela semiótica e pela ideia de Max Weber de que o homem está entrelaçado em teias de significado que ele mesmo criou, Geertz sugere que a cultura consiste nessas teias e na análise delas. Assim, a cultura é composta por sistemas simbólicos, formados por códigos estabelecidos socialmente, que sempre se apresentam como um contexto. Segundo Alves (2017), para entender a moda como parte da cultura e sua interação

com o comportamento humano, é crucial reconhecer que a moda, em conjunto com outras estruturas, organiza a vida das pessoas. Assim, a moda é vista como parte dessas redes de significado, influenciando não apenas a forma como nos vestimos e a indústria que a sustenta, mas também nossos comportamentos, aparências e identidades.

A moda é muito mais do que uma mera escolha estética ou um reflexo das tendências passageiras; ela é uma forma poderosa de expressão cultural que comunica valores, identidades e histórias. Como afirmam Crane e Bovone (2006), a moda atua como uma linguagem visual que pode revelar as complexidades das dinâmicas sociais e culturais. Esta capacidade da moda de refletir a cultura está enraizada na maneira como as pessoas utilizam o vestuário para se posicionar dentro de contextos sociais específicos e para comunicar suas afiliações culturais, étnicas e de gênero.

Historicamente, a moda tem sido uma ferramenta essencial para a afirmação de identidades culturais. No contexto africano, por exemplo, o uso de tecidos tradicionais, como o *kente*, não só expressa a identidade étnica, mas também carrega significados históricos e simbólicos profundos. De acordo com Allman (2004), esses tecidos e padrões não são meramente decorativos; eles narram histórias de comunidades, de resistência e de orgulho cultural.

Além disso, a moda contemporânea continua a ser um campo de batalha para a visibilidade e a inclusão de identidades marginalizadas. A obra de Tulloch (2016) explora como a moda negra tem sido uma forma vital de resistência cultural, particularmente no contexto da diáspora africana. A autora argumenta que, ao adotar e adaptar estilos, as comunidades negras reivindicam o seu espaço e visibilidade na sociedade, transformando a moda em uma plataforma para a expressão de identidades culturais e políticas.

Na era moderna, a globalização tem intensificado o intercâmbio cultural, fazendo da moda um veículo ainda mais dinâmico para a expressão cultural. Kondo (1997) discute como a moda japonesa contemporânea, por exemplo, mistura elementos tradicionais com influências ocidentais, criando formas de identidade cultural que desafiam as normas e expectativas estabelecidas. Essa fusão de culturas através da moda exemplifica como as identidades culturais são continuamente negociadas e reinventadas.

Assim, a moda é também uma forma de arte que interage com outras práticas culturais. Como aponta Barthes (1983), a moda não pode ser compreendida isoladamente, mas sim como parte

de um sistema mais amplo de significação cultural que inclui a literatura, a arte e a música. Assim, a moda reflete e influencia simultaneamente outras formas de expressão cultural, criando um diálogo contínuo entre o vestuário e a cultura.

Imagem 2: Tecido Kente ou Capulana africana



Fonte: Google imagens

Capítulo 2: O papel das mulheres negras na moda

A história da moda é frequentemente contada a partir de uma perspectiva eurocêntrica que marginaliza as contribuições de grupos minoritários. No entanto, as mulheres negras têm desempenhado um papel crucial na evolução da moda, trazendo influências culturais, inovando em design e utilizando a moda como uma forma de ativismo. Como discutido por Hooks (2019), as mulheres negras são frequentemente colocadas na base da pirâmide ocupacional, enfrentando um status de inferioridade perpetuado por uma sociedade opressora, sexista e racista. Essa realidade não apenas limita suas oportunidades econômicas, mas também afeta profundamente sua identidade e autoestima. Além disso, conforme analisado por Collins (2022), a academia tradicional muitas vezes suprime as contribuições das mulheres negras, tornando as críticas voláteis ao conhecimento estabelecido. Essa dinâmica reflete não apenas uma injustiça acadêmica, mas também uma forma de subordinação intelectual que ecoa as estruturas mais amplas da economia política.

Integrar essas perspectivas tem sido essencial para compreender como as mulheres negras não apenas resistem, mas também se mobilizam em resposta a essas adversidades. Suas lutas não são apenas individuais, mas também coletivas, refletindo um ativismo enraizado na necessidade de reivindicar espaço, reconhecimento e justiça em uma sociedade que continua a marginalizá-las sistematicamente.

Esse fardo de opressão não é apenas um conceito teórico; ele se manifesta diariamente nas interações sociais, no ambiente de trabalho, na mídia e nas instituições que deveriam nos proteger e empoderar. Este reconhecimento de nossa realidade não é um fim em si mesmo, mas um chamado à ação. Precisamos desafiar e dismantelar essas estruturas opressivas que tentam nos silenciar e nos excluir. A moda, por exemplo, tem sido um campo onde essas lutas se expressam de forma poderosa. Ao reivindicarmos nosso espaço na moda, não estamos apenas celebrando nossa estética, mas também afirmando nossa identidade e resistência contra um sistema que historicamente nos oprime.

Santos (2022) argumenta que a colonização impôs formas de controle que comprometeram o vasto conhecimento cultural milenar e tecnológico dos africanos e seus descendentes. Esses saberes passaram a ser percebidos como inferiores e sem valor cultural e social. Ainda de acordo

com a autora, a estigmatização afeta negativamente tanto pessoas quanto culturas. Dessa forma, os conhecimentos e habilidades manuais na confecção de roupas ou joias, quando desenvolvidos por pessoas negras, não eram vistos como criativos e potentes. As criações provenientes das mãos e ideias de pessoas pretas não possuíam o mesmo valor e reconhecimento que as produzidas por pessoas brancas. (SANTOS, 2022, p. 08)

Considerando as reflexões de Santos (2022), fica evidente como a colonização impôs um severo controle que comprometeu não apenas o vasto conhecimento cultural e tecnológico dos africanos e seus descendentes, mas também estigmatizou esses saberes como inferiores e desprovidos de valor cultural e social. Isso se refletiu especialmente nas habilidades manuais, como na confecção de roupas e joias, onde as criações de pessoas negras não eram reconhecidas nem valorizadas da mesma forma que as produzidas por indivíduos brancos. Essa análise revela não apenas um sistema de dominação cultural, mas também como as narrativas coloniais perpetuaram desigualdades profundas no reconhecimento e valorização do conhecimento criativo de diferentes grupos étnico-raciais.

Carol Barreto, estilista e pesquisadora, propõe uma reflexão sobre moda como ativismo, destacando seu papel fundamental nas lutas antirracistas e feministas interracialistas por meio do conceito de Modativismo¹. Sua análise evidencia que moda, historicamente, tem funcionado como um campo de exclusão, no qual mulheres negras foram submetidas à construção de imagens de subalternidade e à imposição de estereótipos. Barreto (2018) argumenta que os processos de elaboração da aparência são frequentemente limitados por hierarquias sociais historicamente definidas, tornando-se visíveis por meio da representação visuais que impactam diretamente a vidas das pessoas.

Essa perspectiva reforça a necessidade de uma moda que valorize a diversidade estética das mulheres negras, rompendo com padrões eurocêntricos e abrindo espaço para novas formas de ferramenta.

¹ Uma maneira diferente de pensar e praticar a moda, buscando construir novas representações sobre e para pessoas negras. Modativismo nasceu da luta feminista e antirracista e do desejo de produzir mundos e oportunidades inéditos (Carol Barreto, 2018).

2.1 A moda e a estética para as mulheres negras

A moda e a estética sempre foram instrumentos poderosos de expressão cultural e social, especialmente para mulheres negras que, historicamente, têm enfrentado desafios relacionados à aceitação e valorização de sua identidade visual. No Brasil, a moda desempenha um papel crucial na construção e afirmação da identidade negra, servindo como uma ferramenta de resistência e empoderamento. Segundo a antropóloga e pesquisadora brasileira Lélia Gonzalez, a estética negra deve ser compreendida não apenas como uma questão de aparência, mas como uma expressão de resistência e identidade cultural (GONZALEZ, 1988). A autora argumenta que a valorização da estética afro-brasileira é uma forma de combate à imposição dos padrões eurocêntricos de beleza, que historicamente marginalizaram as características físicas das mulheres negras.

Além disso, Carol Barreto destaca que a moda é um campo de disputa simbólica, onde as mulheres negras têm lutado para reverter estigmas e afirmar sua presença (BARRETO, 2019). Barreto utiliza sua plataforma de moda para desafiar as narrativas hegemônicas e criar espaços de visibilidade para as mulheres negras, promovendo uma estética que celebra a diversidade e a ancestralidade africana.

O trabalho da pesquisadora Hanyrá Negreiros Pereira também é essencial para compreender como a moda se entrelaça com a identidade e a espiritualidade das mulheres negras no Brasil. Em sua dissertação sobre as roupas e memórias no Candomblé Angola, Hanyrá explora como as vestimentas não são apenas uma expressão estética, mas também uma manifestação de resistência cultural e religiosa (PEREIRA, 2017).

Grada Kilomba, em sua obra *Memórias da Plantação*, oferece uma reflexão sobre como as mulheres negras são constantemente confrontadas com as narrativas racistas que tentam apagar sua identidade e história. Para Kilomba, a recuperação e valorização dessas memórias, que incluem aspectos estéticos como o uso do cabelo natural e a escolha das vestimentas, são formas de resistência e subversão aos padrões impostos pela sociedade eurocêntrica (KILOMBA, 2019). Assim, a estética negra se torna um espaço de resignificação e empoderamento.

No cenário contemporâneo, há uma crescente valorização da moda afro-brasileira, impulsionada por designers e marcas que promovem uma estética que celebra a negritude. Esse

movimento reflete uma mudança significativa na forma como a moda é percebida e consumida pelas mulheres negras no Brasil, evidenciando uma busca por representatividade e autenticidade.

Dessa forma, a moda e a estética para mulheres negras no Brasil transcendem a mera aparência, configurando-se como um campo de luta e afirmação identitária. As contribuições de autoras como Lélia Gonzalez, Carol Barreto, Hanyrá Negreiros Pereira e Grada Kilomba são fundamentais para a compreensão desse fenômeno, demonstrando como a moda pode ser uma poderosa ferramenta de transformação social.

Assim, podemos dizer que a moda se torna uma poderosa ferramenta de transformação cultural e social a partir da atuação das mulheres negras, que ressignificam esse fenômeno, antes considerado supérfluo, em um instrumento de luta e afirmação identitária. Por meio da moda, elas expressam suas narrativas, reivindicam espaços historicamente negados e desafiam os padrões estéticos eurocêntricos que ainda permeiam a sociedade.

Dessa forma, a moda deixa de ser apenas uma manifestação do consumo e passa a ser um meio de resistência, empoderamento e valorização das ancestralidades, promovendo mudanças tanto no imaginário coletivo quanto nas estruturas sociais.

2.2 Moda e identidade negra

A relação entre moda e identidade negra no Brasil também se manifesta na forma como estilistas e criadores afrodescendentes ressignificam elementos da cultura africana em suas produções. Como destaca Maria do Carmo Santos (2022), a moda afro-brasileira não apenas resgata, mas também atualiza esses elementos, promovendo novas narrativas visuais que dialogam com a contemporaneidade. Nesse sentido, a atuação de designers negros tem sido essencial para ampliar o debate sobre representatividade e inclusão na indústria da moda.

Historicamente, o vestuário sempre foi um marcador social e de pertencimento. No caso da população negra no Brasil, a moda afro-brasileira emerge como uma ferramenta de valorização e preservação das raízes africanas, ao mesmo tempo que questiona padrões eurocêntricos impostos pela sociedade. O uso de tecidos como o algodão, estampas inspiradas nos padrões

africanos e a incorporação de acessórios simbólicos, como os turbantes e colares, são expressões de um legado ancestral que se mantém vivo e em constante reinvenção.

A moda afro-brasileira tem desempenhado um papel fundamental na construção da identidade cultural e na afirmação da negritude no Brasil. Segundo Maria do Carmo Santos (2022), autora de *Moda Afro-Brasileira*, essa vertente da moda não se limita à estética, mas carrega consigo elementos históricos, sociais e políticos que refletem a resistência e a ressignificação das tradições africanas no território brasileiro.

Além disso, a moda afro-brasileira fortalece o empoderamento da população negra, possibilitando que mulheres e homens negros reconheçam sua beleza e identidade por meio do vestuário. Esse movimento se articula com iniciativas de moda ativista, como as de Carol Barreto, que utiliza suas criações para provocar reflexões sobre gênero, raça e classe.

Capítulo 3 A Moda Afro-Brasileira: expressão cultural e política

O cenário atual evidencia uma crescente valorização da estética afro-brasileira, impulsionada pelo fortalecimento de movimentos sociais e pelo reconhecimento da importância da moda como um espaço de resistência e afirmação cultural. No entanto, desafios ainda persistem, especialmente no que se refere à marginalização de estilistas negros e ao acesso a recursos dentro da indústria da moda. Dessa forma, a moda afro-brasileira não apenas reafirma a identidade cultural da população negra, mas também se consolida como um espaço de luta e transformação social. Ao trazer essa discussão para o campo acadêmico, reforça-se a necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes para a moda e a cultura brasileira.

A moda afro-brasileira, enquanto expressão cultural e política, tem desempenhado um papel fundamental na afirmação identitária da população negra no Brasil. Conforme aponta Maria do Carmo Santos (2022), em sua obra *Moda Afro-Brasileira*, essa vertente da moda vai além do estético e se configura como uma poderosa ferramenta de resistência e ressignificação cultural. Nesse sentido, a moda afro-brasileira não apenas reflete influências africanas em suas cores, estampas e modelagens, mas também representa uma forma de valorização das matrizes afrodescendentes no cenário nacional.

Além do seu aspecto simbólico, a moda afro-brasileira também está inserida no sistema de consumo, tornando-se uma mercadoria que dialoga com as demandas do mercado e com o fortalecimento da economia criativa. Conforme Canclini (1997), o consumo deve ser compreendido como um processo sociocultural no qual os indivíduos se apropriam de bens e lhes atribuem significados. Dessa forma, o crescimento da moda afro-brasileira evidencia um movimento de fortalecimento de marcas e empreendedores negros, que, ao ocupar esse espaço, promovem uma nova relação entre moda, identidade e consumo.

Lipovetsky (2009) argumenta que a economia do consumo contemporâneo está organizada em torno da sedução e da diferenciação. Nesse contexto, a moda afro-brasileira se destaca por seu potencial de promover inclusão e reconhecimento, ao mesmo tempo em que desafia padrões eurocêntricos historicamente dominantes. Para Nunes (2017), a moda, antes vista como um

"mal social", hoje se estabelece como um campo de disputa política e simbólica, ressignificando estereótipos e empoderando indivíduos e comunidades.

Ao analisar a relação entre moda e consumo na perspectiva da moda afro-brasileira, percebe-se que esse segmento do vestuário não apenas atende a uma demanda estética, mas também atua como um canal de afirmação e valorização cultural. Como aponta McCracken (2003), a moda exerce um papel central na significação dos bens de consumo, transformando roupas e acessórios em símbolos de pertencimento e identidade coletiva. Nesse sentido, a crescente valorização da moda afro-brasileira reflete uma mudança nos padrões de consumo e na percepção social sobre a representatividade negra no mercado da moda.

Essa ressignificação da moda afro-brasileira também se manifesta no campo religioso, especialmente nas vestimentas de terreiro, que carregam simbolismos profundos e reafirmam identidades culturais e espirituais. A moda de terreiro não é apenas uma expressão estética, mas um instrumento de resistência, ancestralidade e preservação de memórias, onde cada tecido, cor e adorno possuem significados sagrados. Assim, ao compreender a moda como um espaço de disputa e afirmação, torna-se evidente que o vestuário nos terreiros transcende o consumo e a moda convencional, inserindo-se em uma lógica de pertencimento e conexão espiritual.

3.1 : Moda de terreiro: O sagrado em forma de roupa

Raul Lody (2015), considera que a indumentária se revela como o território onde a identidade é vivenciada de maneira visceral e tangível. Isso ressalta como a escolha das roupas que usamos não é meramente superficial, mas uma expressão profunda e significativa de quem somos. Nessa mesma esteira, em diálogo com o pensamento de Júlia Vidal (2021), podemos observar a forma como a ideia de "corpos territórios" e "corpos terreiros" é explorada, guiando-nos a refletir sobre como as identidades étnico-raciais se expandem e enriquecem seus repertórios simbólicos. Sob essa perspectiva, a autora destaca como esses corpos se tornam locais de coexistência e dão origem a novas expressões culturais. É evidente que à medida que tecidos, símbolos, penteados e acessórios adquirem significado social e cultural, eles se tornam intrínsecos à subjetividade daqueles que os utilizam e passam a elucidar a intimidade decorrente

entre os usos e os corpos que deles fazem uso para composição de sua presença no mundo. Assim, o trabalho de Vidal (2021) nos faz observar que o corpo pode servir como um suporte físico fundamental para a prática e a preservação dos conhecimentos da cultura africana no Brasil. Desse modo, cabe aos terreiros não apenas desempenhar seu papel religioso, mas também assumir um importante espaço de (re)existência cultural, firmando-se como território político-religioso demarcado por suas produções culturais e identitárias, dentre as quais encontra-se a moda. Os terreiros compreendem os territórios detentores da responsabilidade de manter vivas e transmitir de geração a geração as tradições relacionadas à culinária, às artes visuais, à dança, à música, à moda, à mitologia e à cosmovisão africanas no Brasil (Vidal, 2021, pág. 62). Nesse âmbito, acrescentaríamos que também é prerrogativa dos terreiros zelar pela continuidade e aprimoramento das tecnologias epistêmicas de organização política e intelectual da população negra, de modo que seja viabilizada a execução de um projeto de mundo que não se insere no projeto de escassez (Rufino, 2019) desenhado e executado pelo colonialismo ao longo do tempo.

Explorar os modos de vestir nas religiões afro-brasileiras em terreiros implica em compreender a forma como esses terreiros são estabelecidos e vivenciados. Isso requer uma análise histórica de como esses espaços se incorporaram à vida cotidiana daqueles que os frequentam. Além disso, pensar sobre os terreiros é, inerentemente, ligado à reflexão sobre a diáspora, já que esses locais surgem no contexto do tráfico transatlântico de africanos escravizados ao longo de três séculos, quando esses indivíduos foram trazidos para o chamado Novo Mundo. Em resumo, os terreiros são produtos diretos desse período de escravidão e das experiências transatlânticas que o acompanharam (Saraiva, 2023, Pág. 04) e sob uma perspectiva dialética se afirmam como o espaço de continuidade e fortalecimento da identidade, forjando meios de driblar as frestas para conseguirem se multiplicar diversificando o existir no mundo por meio da beleza e do encantamento (Rufino, 2019).

Raul Lody (2015) destaca que beleza e estética estão ligadas ao senso de pertencimento. Vestir, usar e exibir o que é considerado bonito é uma forma de viver e compartilhar essa beleza. O corpo desempenha um papel crucial na expressão da rica cultura africana, com cores, materiais e objetos sendo meios visuais, sonoros e plásticos para transmitir significados profundos. Essas escolhas diferenciadas são os principais indicadores da identidade e da história de uma pessoa. Assim, a associação entre moda e identidade no e para o terreiro é ferramenta poderosa, em

paráfrase à Carla Akotirene (2019), para compreender a complexidade vivenciada no terreiro e o legado forjado pelas mulheres negras na preservação da memória e identidade de vários povos e suas respectivas contribuições na construção do Brasil como um território dotado de diversidades, de modo que de acordo com Pereira (2017), quando abordamos a herança cultural negra, é imprescindível considerar a questão da corporeidade. As vestimentas não estão separadas dos corpos, elas atuam como adornos para esses corpos envolvidos nos rituais. Assim, importante ressaltar que o vestuário no Candomblé, tanto quanto em muitas outras religiões e sistemas de crenças, desempenha um papel crucial e simbólico.

O Candomblé é uma religião afro-brasileira que tem raízes profundas na cultura africana e incorpora uma série de elementos simbólicos em suas práticas e rituais. As vestes usadas pelos participantes do Candomblé são ricas em simbolismo e desempenham várias funções importantes. Nele, o vestuário desempenha um papel central na expressão da espiritualidade e na conexão com o sagrado. Cada peça de roupa e adorno tem um significado profundo e é escolhida com base em tradições e ensinamentos transmitidos ao longo das gerações. O uso de roupas ritualísticas e simbólicas ajuda a criar um ambiente sagrado durante os rituais e a fortalecer a ligação entre os praticantes e os orixás (Santos, 2014). Demonstra, também, o lugar social ocupado pelos integrantes na hierarquia religiosa, tempo de iniciação, funções que lhe são atribuídas, permitindo o reconhecimento daquela/e sujeita/o em meio à comunidade sociopolítico-religiosa.

Santos (2014) afirma que a perpetuação da indumentária no Candomblé se dá no modo de fazer, pelo cuidado com o corpo que será o suporte e veículo através da atuação, experiência, participação, vivência no decorrer dos anos em um terreiro de candomblé. Mãe Nilce, do ilê Omolu Oxum, afirma que desde a iniciação se aprende sobre a importância do candomblé, memória e as indumentárias (Santos, 2014). Tais saberes são repassados pela oralidade, prática tradicional de transmissão de saberes no âmbito das religiões de matriz africana e afro-indígena.

Geralmente a função de produzir a moda de terreiro é atribuída às mulheres, que ficarão responsáveis pela criação e produção daquela indumentária. Ali estarão representados os signos e significantes componentes da vivência no axé, o que demonstra uma relação intrínseca ao conceito de modativismo, cunhado por Carol Barreto (2018). Uma vez que, segundo a autora, se constitui como uma postura política, que abarca modos decoloniais de encadeamento entre formas de pensamento e ação, resultantes de processos criativos e produtivos respeitáveis à

diversidade cultural brasileira e, por consequência, horizontais. Uma proposta que ampara processos de produção intelectual que resultam em criações, processos de fruição e construção de produtos, valorados não apenas pela sua materialidade, mas pelo legado imaterial que o sustenta e, conseqüentemente, pelo potencial de transformação social que aciona (Barreto, 2022)

Perceptível, portanto, em concordância com Carol Barreto (2024), que as formas de produzir moda dos terreiros, no tocante às suas criações de indumentárias, tanto para o âmbito religioso/ritual, quanto para o uso cotidiano, que implementa formas autorais de vestir, rompendo com o padrão colonialista de imposição de vestimentas e de adornar-se, abrindo possibilidades para novas formas de ser estar no mundo abre caminhos para o fortalecimento da identidade de mulheres negras, transcendendo as práticas de negação traçadas pelo racismo e seus correlatos ao longo do tempo.

3.2: A Indumentárias Ritualísticas: As Guardiãs de memórias

A ideia de moda tem passado por transformações ao longo da história. Antes vista como um fator de superficialidade, hoje é debatida como um fator de organização política e de afirmação das identidades e dos direitos humanos de grupos subalternizados. Segundo Negreiros (2017, pág.13), “a exploração” do significado das indumentárias vai além da sua função básica de cobrir o corpo, estendendo-se à compreensão de que a vestimenta desempenha um papel integral nos rituais, na coletividade e na identidade de uma sociedade. No contexto brasileiro, as vestimentas afro-brasileiras desempenham um papel de destaque na análise da conexão entre identidade e resistência. Elas servem como uma ponte que liga nossa compreensão da moda a uma variedade de questões, incluindo a expressão cultural de grupos específicos, a marcação de períodos históricos e a compreensão do universo religioso afro-brasileiro. Em resumo, seus saberes são transmitidos de geração em geração por meio da tradição oral, mantendo vivas as histórias ao longo do tempo. Neste ato, importante ressaltar que as mulheres negras exercem papel imprescindível na transmissão de saberes, aplicada, sobretudo, no âmbito dos terreiros, uma vez que estes são espaços de oralidade e de desenvolvimento de tecnologias indispensáveis para a preservação da memória e afirmação da identidade negras.

A percepção de Negreiros (2017) nos aponta que é fundamental destacar que as indumentárias, vestimentas e adornos utilizados nos rituais das religiões de matriz africana também desempenham um papel significativo na preservação da memória da comunidade negra. A história desse povo pode igualmente ser contada por intermédio das roupas usadas nos rituais das religiões de matriz africana e de matriz afro-indígena, acrescentando uma dimensão visual e tangível à transmissão cultural e à preservação das memórias.

Diante dessas reflexões sobre o papel das vestimentas na preservação da memória e na afirmação da identidade negra, torna-se essencial dar voz àqueles que vivenciam essa realidade em seu cotidiano. As experiências e saberes transmitidos por mulheres negras nos terreiros evidenciam como a moda de terreiro se manifesta como um ato de resistência, reafirmando a ancestralidade e promovendo a continuidade dos conhecimentos tradicionais.

Nesse sentido, a entrevista a seguir aprofunda essa discussão, trazendo perspectivas diretas sobre a importância das vestimentas e adornos nos rituais das religiões de matriz africana. Através dos relatos da entrevistada, buscamos compreender como essas práticas estéticas dialogam com a preservação das memórias, a transmissão de saberes e a valorização das identidades afro-brasileiras.

Imagem 5: Roupas Ritualísticas, oxum (esquerda)

imagem 6: Roupas de “ festa” usada nos festejos da casa (direita)



Fonte: Google imagens

A seguir, apresentamos a entrevista realizada com Sabrina Keitty, mulher negra de terreiro, responsável pela criação e confecção dos axós (Roupas rituais) utilizados nos rituais. Por meio de suas respostas, ela compartilha suas experiências, saberes e a importância das vestimentas na preservação da memória e identidade afro-brasileira.

3.3 Entrevista com Sabrina Keitty

1. Como você percebe a relação entre a moda de terreiro e a identidade das mulheres dentro das religiões afro-brasileiras?

Sabrina: A relação entre as vestimentas de terreiro e a identidade das mulheres nas religiões afro-brasileiras é muito forte, pois a maneira como elas se vestem e se adornam expressa não

apenas sua fé, mas também sua conexão com a ancestralidade e sua posição dentro da comunidade. Os turbantes, colares, pulseiras e até tatuagens com símbolos dos orixás não são apenas enfeites, mas marcas de pertencimento e respeito às tradições. Além disso, essas vestimentas e adornos funcionam como um ato de resistência e afirmação cultural, combatendo a invisibilidade e o preconceito que as religiões afro-brasileiras historicamente enfrentam. A moda de terreiro, nesse sentido, vai além da estética e se torna uma forma de reafirmar a força e o protagonismo das mulheres dentro desses espaços sagrados.

2. Você acredita que a moda de terreiro tem influência fora dos espaços religiosos? De que forma?

Sabrina: Sim, a moda de terreiro tem uma forte influência fora dos espaços religiosos. Além dos adornos que representam os orixás, como brincos, pulseiras com símbolos, turbantes e saias longas, essa influência se manifesta na valorização da estética afro-brasileira, no uso de tecidos estampados e cores na representação dos cargos dentro do Candomblé, distinguindo funções e hierarquias vibrantes, e até na forma como a cultura de matriz africana inspira coleções de grandes estilistas. Além disso, a moda de terreiro carrega consigo um significado de resistência, ancestralidade e identidade, sendo adotada por muitas pessoas como forma de afirmação cultural e orgulho das suas raízes.

2. Como a escolha das vestimentas e acessórios no terreiro dialoga com questões de ancestralidade e tradição?

Sabrina: A escolha das vestimentas e acessórios no terreiro está profundamente ligada à ancestralidade e à tradição, pois cada elemento carrega um significado simbólico e espiritual. Segundo o livro Mãe Estela de Oxóssi, as roupas têm um papel fundamental dentro da comunidade religiosa. Além disso, os tecidos, cores e adornos remetem às tradições africanas, conectando os praticantes com seus ancestrais e reforçando a continuidade da cultura de matriz africana. Dessa forma, a indumentária no terreiro não é apenas uma questão estética, mas um elo entre passado e presente, fortalecendo a identidade e a espiritualidade dos adeptos.

3. A moda de terreiro pode ser considerada uma forma de resistência cultural? Por quê?

Sabrina: Sim, as vestimentas e acessórios no terreiro estão profundamente ligados à ancestralidade e à tradição, pois cada elemento carrega um significado simbólico e espiritual. Ao longo dos anos, essas expressões estéticas têm resistido às tentativas de apagamento cultural, mantendo vivas as memórias e os saberes transmitidos de geração em geração

4. Como você vê a relação entre moda de terreiro e mercado de consumo? Há espaço para uma valorização comercial sem descaracterizar sua essência?

Sabrina: A relação entre moda de terreiro e mercado de consumo é complexa, pois envolve tanto a valorização cultural quanto o risco de apropriação indevida. No entanto, há espaço para uma comercialização que respeite a essência dessa tradição, especialmente quando feita por pessoas que compreendem seu significado.

Muitas mulheres, sejam praticantes ou não, costuram para os terreiros, e dentro do próprio Candomblé há um cargo específico para a costureira, o que demonstra a importância da vestimenta dentro da religião. Os adeptos prezam pela qualidade das roupas e acreditam que oferecer o melhor para seus orixás é uma forma de devoção, o que cria um mercado especializado em tecidos, adornos e peças personalizadas.

Se essa produção for conduzida com respeito às tradições, pode ser uma forma de valorização cultural e econômica para costureiras e artesãos ligados ao Candomblé, sem descaracterizar sua essência. O desafio está em evitar a exploração comercial descontextualizada, garantindo que os significados religiosos sejam preservados e respeitados.

5. Qual é a importância do trabalho manual e do artesanato na confecção dessas vestimentas?

Sabrina: O trabalho manual e o artesanato têm um papel essencial na confecção das vestimentas de terreiro, pois estão diretamente ligados às raízes das religiões de matriz africana. A confecção dessas roupas exige paciência, dedicação e uma forte conexão espiritual, já que cada detalhe carrega um significado simbólico e energético. A costura, os bordados, as contas e os adornos são feitos de forma cuidadosa, muitas vezes seguindo rituais e tradições transmitidos ao longo das gerações. Esse processo artesanal não é apenas uma questão estética, mas uma forma de respeito e devoção aos orixás, reforçando a ideia de que tudo que é oferecido a eles deve ser feito com zelo e capricho. Além disso, o trabalho manual fortalece a economia

dentro dos terreiros, valorizando costureiras, bordadeiras e artesãos que se dedicam à preservação dessa cultura.

6. Que mensagem você gostaria que as pessoas compreendessem sobre a moda de terreiro e seu significado?

Sabrina: A principal mensagem é que o que muitos chamam de “moda de terreiro” não é simplesmente uma tendência estética, mas sim uma expressão cultural e um ato de resistência. As vestimentas e adornos usados nos terreiros fazem parte de uma tradição ancestral, carregando significados profundos ligados à fé, à identidade e ao respeito pelos orixás.

Cada peça representa uma conexão com a espiritualidade e com a história das religiões de matriz africana, sendo um reflexo da luta contra a intolerância religiosa e da valorização da cultura afro-brasileira. É importante que essa expressão seja respeitada e compreendida como parte de um legado que vai além do visual, fortalecendo a ancestralidade e a comunidade que mantém viva essa tradição.

Assim, por meio da entrevista realizada com Sabrina Keitty em março de 2025 foi possível confirmar algumas das premissas discutidas nesta pesquisa. Mais uma vez podemos afirmar, por meio da narrativa da entrevistada, responsável pela criação e confecção dos axós (Roupas rituais) utilizados nos rituais, a importância das vestimentas na preservação da memória e identidade afro-brasileira.

Conclusão

Este trabalho investigou as interseções entre moda, consumo e identidade cultural no contexto das práticas religiosas afro-brasileiras, destacando especialmente o papel das mulheres negras como agentes de transformação e afirmação identitária. A pesquisa demonstrou que a moda vai além da estética, constituindo-se como uma ferramenta de resistência cultural, reconstrução identitária e luta política, especialmente para as mulheres negras no Brasil.

O objetivo geral, que buscava compreender as conexões entre moda, consumo e identidade cultural nas práticas religiosas afro-brasileiras, foi atingido ao evidenciar como a moda de terreiro se configura como um elemento fundamental na preservação das memórias e no fortalecimento das identidades dentro dessas comunidades. Além disso, analisou-se como a moda afro-brasileira vem conquistando espaço e ressignificando os padrões estéticos historicamente impostos.

Em relação aos objetivos específicos, cada um foi alcançado da seguinte maneira:

- A investigação das influências históricas e culturais na moda das práticas religiosas afro-brasileiras possibilitou compreender como os trajes e adornos de terreiro carregam simbolismos profundos, conectando a ancestralidade à contemporaneidade.
- A análise da moda de terreiro como forma de resistência cultural e afirmação identitária destacou como a vestimenta não é apenas uma manifestação estética, mas também um ato de reafirmação de pertencimento e de enfrentamento ao racismo e à intolerância religiosa.
- A exploração das dinâmicas de consumo associadas à moda de terreiro permitiu identificar seus impactos sociais e econômicos dentro das comunidades praticantes, evidenciando a existência de um mercado que valoriza a produção artesanal e o saber ancestral das mulheres negras.

Além de cumprir seus objetivos, este estudo dialoga diretamente com as Ciências do Consumo ao examinar como a moda afro-brasileira e a moda de terreiro se inserem nos processos de consumo cultural e simbólico. A moda, enquanto um campo de produção e circulação de

significados, impacta diretamente o comportamento do consumidor, suas escolhas e seu modo de se relacionar com o mundo. Assim, compreender a moda dentro desse viés amplia a visão sobre o consumo para além de sua função mercadológica, reconhecendo-o como um fenômeno social e cultural de grande relevância.

A entrevista com Sabrina Keitty, costureira de terreiro, trouxe contribuições valiosas ao demonstrar como a moda dentro dos terreiros está profundamente ligada à ancestralidade e à resistência cultural. A partir de suas respostas, foi possível compreender que as vestimentas rituais não são apenas um elemento estético, mas carregam significados simbólicos e espirituais que fortalecem a identidade das mulheres negras dentro das religiões afro-brasileiras. Além disso, discutiu-se a relação entre a moda de terreiro e o mercado de consumo, apontando para a necessidade de uma valorização comercial que respeite as tradições e evite a apropriação indevida.

Por fim, este trabalho contribuiu para a valorização das práticas culturais afro-brasileiras e reforçou a importância de estudos que considerem a moda como um espaço de expressão e transformação social. Como profissional da área, essa pesquisa fortalece uma visão crítica sobre a moda e o consumo, ressaltando a necessidade de fomentar práticas que valorizem a diversidade, a inclusão e a autonomia das mulheres negras dentro desse universo.

Referências Bibliográficas

ALLMAN, Jean. *Fashioning Africa: Power and Politics of Dress*. Indiana University Press, 2004

ALVES, Larissa Molina. *Moda, cultura e comunicação: um diálogo entre comportamento, corpo e expressão*. Mestranda, Universidade Federal da Bahia, Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura, 2017

ARROSI, Letícia Soster. **A moda como elemento social: mercado e consumo**. In: PUPPIM, Régis; SILVA, Tavares Elisângela da (orgs.). *Moda, identidade e branding*. Curitiba: Atena, 2022. Cap. 2, p. 7.

ARTUSO, Eloisa; SIMON, Fernanda. **Revolução da moda: jornadas para sustentabilidade**. São Paulo: Editora Reviver, 2021.

ANDRZEJEWSKI, Luciana **A MODA COMO HISTÓRIA** *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 53, abr. 2012 1

BARRETO, Carol. **Moda e aparência como ativismo político: notas introdutórias**. Encontro de estudos interdisciplinares em cultura. Salvador: 11 a 14 de agosto de 2015.

BARRETO, Carol. **Modativismo: a moda como resistência e expressão política**. In: Simpósio de Moda e Arte - SIMA, 3. Anais eletrônicos... Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.

BARRETO, Carol. *Modativismo: quando a moda encontra a luta*. São Paulo: Paralela, 2024

BARTHES, Roland. *The Fashion System*. University of California Press, 1983.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Para o Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CALANCA, Daniela. *História social da moda*. Tradução de Renata Ambrósico. São Paulo: Ed. Senac, 2008, p. 11-12.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CRANE, Diana, e BOVONE, Laura. "Approaches to Material Culture: The Sociology of Fashion and Clothing." *Poetics*, vol. 34, no. 6, 2006, pp. 319-333.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução: Jamile Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2019

DUBOM, Paulo. **MODA: NASCIMENTO, CONCEITO E HISTÓRIA**. Veredas daHistória, [online], v. 11, n. 2, p. 7-25, dez., 2018, ISSN 1982-4238. Centro Universitário Celso Lisboa, 2018

DULCI, Luciana Crivellari. Artigo em *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 53, abr. 2015

FARIAS, Maria Dolores Mota. "Modas da Moda – possíveis recortes de uma história acelerada." In *II Colóquio de Moda Salvador, Outubro de 2006*.

FRINGS, Gini Stephens. **Moda; do conceito ao consumidor**/ Gini Stephens Frings; tradução: Mariana Belloli; revisão técnica: Eloize Navalon, Luiz Carlos Robison – 9 ed.- Porto Alegre: Bookman. 2012.

GEERTZ, Clifford, 1926- *A interpretação das culturas* / Clifford Geertz. - 1.ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro : LTC, 2015. 323p.

GONZALEZ, Lélia. *O corpo da negra: um estudo sobre a estética da mulher negra no Brasil*.

1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1988

HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: os legados de um trauma colonial*. São Paulo: Elefante, 2019.

KONDO, Dorinne K. *About Face: Performing Race in Fashion and Theater*. Routledge, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades*

modernas.

São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LODY, Raul. **Jóias de axé: fios-de-contas e outros adornos do corpo: a joalheria afro brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

LODY, Raul. **Moda e história: as indumentárias das mulheres de fé.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2015.

SANTOS, Carla Akotirene. **Ferramenta anticolonial poderosa: os 30 anos de interseccionalidade.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaoferrament>

MANTOVANI, Rafael. *A moda contra a tirania: elucubrações dos costumbristas argentinos do XIX, Fashion against tyranny: lucubration of 19th century Argentinian costumbrist.* 2019.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo.** MAUAD, 2003

NERY, Marie Louise. **A evolução da indumentaria: Subsídios para a criação do figurino.** 3. reimp. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.304p.II.

NUNES(a), Rita de Cássia. **Roupa predileta x roupa encostada: investigação sobre emoções e o ciclo de vida das roupas na cultura consumista / Rita de Cássia Nunes.** -- 2017. 145 f.

NUNES(b), Maria. **A Moda e a Sociedade: Entre o Estigma e a Aceitação.** São Paulo: 2017.

PEREIRA, Hanyrá Negreiros de Oliveira. **O Axé nas roupas: indumentária e memórias negras no candomblé angola de Redandá.** Dissertação de mestrado, PUC São Paulo, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas: Exu como educação.** Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 9, nº4, p. 262 – 289, Out/Dez 2019.

SANTOS, Maria do Carmo Paulino dos. **Moda e aparência como ativismos políticos: notas introdutórias.** Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo (USP), 2019

TULLOCH, Carol. **The Birth of Cool: Style Narratives of the African Diaspora.** London: Bloomsbury, 2016

VIDAL, Julia; ARTUSO, Eloisa; SIMON, Fernanda (Org.). *Revolução da moda: jornadas para sustentabilidade*. [S.l.]: Editora: Reviver 1ª edição , 2021.

SANTOS, Maria do Carmo Paulino dos **Moda afro-brasileira é design de resistência da luta negra no Brasil** / Maria do Carmo Paulino dos Santos. -- São Paulo : FAUUSP, 2022. 160 p.: il. (Coleção Caramelo)

SANTOS, Carla Akotirene. **Ferramenta anticolonial poderosa: os 30 anos de interseccionalidade**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/ferramenta> 13

SIMMEL, G. *Filosofia da Moda. Lisboa*: Edições Texto e Grafia, [1905] 2008.

VELHO, Alice Bittencourt do. *Consumo, moda e mídia*. Monografia, Escola de Comunicação, UFRJ, 2007. Ou 2017?

VIDAL, Julia; ARTUSO, Eloisa; SIMON, Fernanda (Org.). *Revolução da moda: jornadas para sustentabilidade*. [S.l.]: Editora: Reviver 1ª edição, 2021.